

Mirian
Goldenberg

A arte de pesquisar

Como fazer pesquisa
qualitativa em
Ciências Sociais



dado muito, ter uma sólida bagagem teórica, ter muita experiência de pesquisa para enxergar o que outros não conseguem ver. O pesquisador experiente descobre assuntos que podem parecer banais e os transforma em pesquisas fecundas.

O desejo de reconhecimento não só leva o cientista a comunicar os seus resultados, mas também o influencia na escolha de temas e métodos que tornem seu trabalho mais aceitável pelos seus pares. Quanto maior a consciência de suas motivações, mais o pesquisador é capaz de evitar os desvios (ou *bias*) próprios daqueles que trabalham com a ilusão de serem orientados apenas por propósitos científicos.

Existe uma hierarquia de legitimidade dentro do campo científico traçada de acordo com os temas que dão prestígio, recursos para a pesquisa, cargos universitários, publicações em editoras prestigiadas etc. Assim, falar de "liberdade de escolha" neste campo é desconsiderar as pressões (evidentes ou sutis) às quais o pesquisador permanentemente se submete. Tendo consciência de tais pressões, muitas contradições e dificuldades podem ser mais bem compreendidas na escolha de um assunto e na sua formulação como um projeto de pesquisa.

Nesse jogo ou nessa "arte" de fazer pesquisa, o jogador precisa ter alguns atributos para poder entrar no campo científico. Alguns podem ser vistos como *internos*, atributos pessoais que devem fazer parte do indivíduo que quer ser um pesquisador. Cito, entre eles: ética, curiosidade, interesse real, empatia, paciência, paixão, equilíbrio, humildade, flexibilidade, iniciativa, disciplina, clareza, objetividade, criatividade, concentração, delicadeza, respeito ao entrevistado, facilidade para conversar com outras pessoas, tranquilidade e organização. Outras qualidades chamarei de *externas*,

FAÇA A PERGUNTA CERTA!

Agora, depois dessa discussão mais teórica, vamos colocar a mão na massa e aprender a construir um projeto de pesquisa. Proponho ao leitor que leia os próximos capítulos pensando em um tema de pesquisa que verdadeiramente o interesse, em qualquer área de conhecimento, e tente transformá-lo em um objeto científico de estudo.

Fazer uma pesquisa significa aprender a pôr ordem nas próprias idéias. Não importa tanto o tema escolhido mas a experiência de trabalho de pesquisa. Trabalhando-se bem não existe tema que seja tolo ou pouco importante. A pesquisa deve ser entendida como uma ocasião única para fazer alguns exercícios que servirão por toda a vida. O trabalho de pesquisa deve ser instigante, mesmo que o objeto não pareça ser tão interessante. O que o verdadeiro pesquisador busca é o jogo criativo de aprender como pensar e olhar cientificamente.

Qualquer tema ou assunto da atualidade pode ser objeto de uma pesquisa científica. É preciso ter estu-

porque dependem da formação científica do pesquisador. São elas: bom domínio da teoria, escrever bem, relacionar dados empíricos com a teoria, domínio das técnicas de pesquisa, experiência com pesquisa.

As principais etapas da pesquisa científica envolvem a concepção de um tema de estudo, a coleta de dados, a apresentação de um relatório com os resultados e, em alguns casos, a aplicação dos resultados. Dois passos são necessários para o início da tarefa: a formulação do problema e a elaboração do projeto de pesquisa.

FORMULANDO O PROBLEMA DE PESQUISA

"Frequentemente, a formulação de um problema é mais essencial que sua solução."

Einstein

Como formular um problema específico que possa ser pesquisado por processos científicos?

O primeiro passo é tornar o problema concreto e explícito através:

- da imersão sistemática no assunto;
- do estudo da literatura existente;
- da discussão com pessoas que acumularam experiência prática no campo de estudo.

A boa resposta depende da boa pergunta! O pesquisador deve estar consciente da importância da pergunta.

ta que faz e deve saber colocar as questões necessárias para o sucesso de sua pesquisa.

O pesquisador ao escolher seu objeto de estudo deve pensar:

1. como identificar um tema preciso (recorte do objeto);
2. como escolher e organizar o tempo de trabalho;
3. como realizar a pesquisa bibliográfica (revisão da literatura);
4. como organizar e analisar o material selecionado;
5. como fazer com que o leitor compreenda o seu estudo e possa recorrer à mesma documentação caso retome a pesquisa.

Para tanto, o objeto de estudo deve responder aos interesses do pesquisador e ter as fontes de consulta acessíveis e de fácil manuseio. Quanto mais se recorta o tema, com mais segurança e criatividade se trabalha.

O estudo científico deve ser claro, interessante e objetivo, tanto para as pessoas familiarizadas com o assunto quanto para as que não são. A maior parte dos cientistas se perde em parágrafos herméticos que muitas vezes não são compreendidos nem pelos seus pares. O verdadeiro pesquisador não precisa utilizar termos obscuros para parecer profundo. A profundidade e seriedade do estudo pode ser mais bem percebida se o pesquisador utiliza uma linguagem compreensível para o maior número de leitores.

A pesquisa apresenta diferentes fases. A fase inicial, que pode ser chamada de *exploratória*, lembra uma "paquera" de dois adolescentes. É o momento em que se tenta descobrir algo sobre o objeto de desejo, quem mais escreveu (ou se interessou) sobre ele, como poderia haver uma aproximação, qual a melhor aborda-

gem dentre todas as possíveis para conquistar este objeto. Em seguida, vem a fase que equivale ao "namoro", uma fase de maior compromisso que exige um conhecimento mais profundo, uma dedicação quase exclusiva ao objeto de paixão. É a fase de elaboração do projeto de pesquisa em que o estudioso mergulha profundamente no tema estudado. A terceira fase é o "casamento", em que a pesquisa exige fidelidade, dedicação, atenção ao seu cotidiano, que é feito de altos e baixos. O pesquisador deve resolver todos os problemas que vão aparecendo, desde os mais simples (como se vestir para realizar as entrevistas) até os mais cruciais (como garantir a verba para a execução da pesquisa). Por último, a fase de "separação", em que o pesquisador precisa se distanciar do seu objeto para escrever o relatório final da pesquisa. É o momento em que é necessário olhar o mais criticamente possível o objeto estudado, em que é preciso fazer rupturas, sugerir novas pesquisas. É o momento de ver os defeitos e qualidades do objeto amado.

roso ao transformar suas boas idéias em um projeto de pesquisa.

A formulação de um projeto de pesquisa passa por várias etapas:

1. o problema que exige respostas deve ser delimitado dentro de um campo de estudo;
2. a tarefa de pesquisa precisa ser reduzida ao que é possível ser realizado pelo pesquisador;
3. é preciso evitar que a coleta de dados seja feita de forma a favorecer uma determinada resposta;
4. é preciso definir os conceitos que serão usados;
5. é necessário prever as etapas do processo de pesquisa, mesmo sabendo-se que elas poderão ser reformuladas.

CONSTRUINDO O PROJETO DE PESQUISA

"Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colmeia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador."

Karl Marx

A construção do projeto de pesquisa é uma etapa importante e delicada da pesquisa científica. É a partir deste projeto que se delimita o problema que será estudado. É o que se chama de *recorte do objeto*, pôr ordem nas próprias idéias, sistematizar as questões que serão estudadas. O pesquisador deve ser objetivo e rigo-

SUGESTÃO PARA UM PROJETO DE PESQUISA

CAPA

1. INSTITUIÇÃO (local onde será desenvolvida a pesquisa)
2. TÍTULO
3. SUBTÍTULO
4. NOME DO PESQUISADOR
5. MÊS E ANO

I. INTRODUÇÃO

1. Objetivo Geral (questão principal da pesquisa, problema a ser resolvido) (*o quê? principal*)
2. Objetivos Específicos (questões secundárias a serem respondidas, relacionadas à questão principal) (*os quais? secundários*)
3. Objeto (indivíduo, grupo ou instituição pesquisada) (*quem? onde?*)

II. JUSTIFICATIVA (importância do tema proposto; motivação individual, profissional, social e teórica para escolher o tema) (*por quê?*)

III. HIPÓTESES DE TRABALHO (algo provável, antecipa algo que será ou não confirmado) (*eu acredito que*)

IV. DISCUSSÃO TEÓRICA (contextualizar o tema dentro do debate teórico existente; principais conceitos e categorias; estudos precedentes: diálogo com os autores) (*à partir de quem?*)

V. METODOLOGIA (caminhos possíveis, instrumentos e fontes de pesquisa) (*como?*)

VI. CRONOGRAMA (quanto tempo?)

Por exemplo:

- Etapa I: revisão da bibliografia
 Etapa II: construção dos instrumentos de pesquisa
 Etapa III: entrevistas
 Etapa IV: análise do material coletado
 Etapa V: redação do trabalho final

meses	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
etapas												
I	X	X	X									
II				X								
III					X	X	X	X				
IV									X			
V										X	X	X

VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS (livros e artigos citados)

Por exemplo:

Goldenberg, Mirian

- 1994a — "Do casamento ao casal" em *Homem-mulher: uma relação em mudança*. R.J., Centro Cultural Banco do Brasil.
 1994b — "Leila Diniz: a Arte de Ser Sem Esconder o Ser" em *Revista Estudos Feministas* (vol. 2, nº 2), R.J., CIEC/ECO/UFRJ.
 1995a — "A outra: uma reflexão antropológica sobre a infidelidade masculina" em *A desconstrução do masculino*. R.J., Rocco.
 1995b — *Toda mulher é meio Leila Diniz*. R.J., Record.

uma vez que a escolha de um assunto não surge espontaneamente, mas decorre de interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. Essa escolha é fruto de determinada inserção do pesquisador na sociedade. O olhar sobre o objeto está condicionado historicamente pela posição social do cientista e pelas correntes de pensamento existentes.

A pesquisa científica requer flexibilidade, capacidade de observação e de interação com os pesquisados. Seus instrumentos devem ser corrigidos e adaptados durante todo o processo de trabalho, visando aos objetivos da pesquisa. No entanto, não se pode iniciar uma pesquisa sem se prever os passos que deverão ser dados.

Um dos primeiros passos do pesquisador é o de definir alguns conceitos fundamentais para construir o quadro teórico da pesquisa. Toda construção teórica é um sistema cujos eixos são os *conceitos*, unidades de significação que definem a forma e o conteúdo de uma teoria. *Categorias* são os conceitos mais importantes dentro de uma teoria.

Em seguida, o pesquisador deverá estabelecer as hipóteses de seu estudo. *Hipóteses* são afirmações provisórias a respeito de determinado fenômeno em estudo. Uma hipótese é uma suposição duvidosa, algo provável, que poderá ser posteriormente confirmada ou rejeitada. É necessário que as hipóteses sejam claras, estejam relacionadas com os fenômenos concretos que se pretende estudar e com a teoria. As hipóteses podem ser criadas a partir dos resultados de outros estudos ou de um conjunto de teoria.

Qualquer pesquisa está situada dentro de um quadro de preocupações teóricas. A leitura da bibliografia deve ser um exercício de crítica, na qual devem ser des-

OS PASSOS DA PESQUISA

"A pesquisa é talvez a arte de se criar dificuldades fecundas e de criá-las para os outros. Nos lugares onde havia coisas simples, faz-se aparecer problemas."

Pierre Bourdieu

O início da pesquisa depende da escolha do tema de estudo; da delimitação do problema; da definição do objeto a ser pesquisado e dos objetivos a serem atingidos; da construção do referencial teórico; da formulação de hipóteses e da elaboração dos instrumentos de coleta de dados.

Com relação ao tema de estudo, vale lembrar mais

tacadas as categorias centrais usadas pelos diferentes autores. Este é um exercício de compreensão fundamental para a definição da posição que o pesquisador irá adotar.

FICHAMENTO DA TEORIA

Durante o período de coleta de dados, o pesquisador deve organizar o material pesquisado de tal forma que na hora da análise e do relatório final não se sintam perdidoo. O fichamento dos livros lidos, a partir das questões da pesquisa, é uma forma prática de juntar a teoria e o material empírico.

Apesar de existirem regras metodológicas para cada etapa da pesquisa científica, a marca pessoal do pesquisador é imprescindível. Afinal, cada estudioso sabe como apreende e analisa melhor o seu trabalho. Assim, vou mostrar como faço meus fichamentos e cada leitor pode inventar o seu próprio estilo para aproveitar ao máximo cada livro lido.

Uma das minhas primeiras regras é compreender bem o que o autor quer dizer com seu texto. Para isso, é necessária uma primeira leitura em que sublinho o livro e escrevo meus comentários pessoais no próprio texto. Muitas pessoas tratam o livro como uma precisão que não pode ser tocada. Livros não foram feitos para serem guardados mas para serem usados, as-

similados, compreendidos. Meus livros são totalmente sublinhados com lápis e canetas coloridas, que mostram o verdadeiro debate de idéias que mantenho com os autores no próprio livro. Resumo as idéias principais, discordo, questiono, lembro de outros autores que escreveram sobre o tema... tudo nas margens de cada página. Se o livro não me pertence (não consigo encontrá-lo nas livrarias porque está esgotado ou é importado), tiro xerox e encaderno, ficando livre para sublinhar e escrever tudo o que quero na cópia.

Na primeira leitura, anoto as idéias que vão surgindo, indicando livros a consultar e idéias a desenvolver. Quando necessário, busco dados sobre determinado autor e referências de suas obras. Faço depois uma releitura, já com um roteiro estabelecido do que interessa fichar. Para diferentes estudos, faço diferentes fichamentos do mesmo livro, porque são questões diferentes que me interessam a cada pesquisa.

É importante lembrar: o fichamento pode ser feito em um caderno ou em fichas compradas numa papelaria. Após entrar na era da informática, abandonei os cadernos e passei a fazer o fichamento diretamente no computador, o que facilita muito no momento de redigir o texto final. Se você ainda não tem seu computador, procure aprender rapidamente a usar um editor de texto e verá que tenho razão.

Para a ficha de resumo do livro, começo com as referências do autor. Por exemplo:

Goldenberg, Mirian

1995 — *Toda mulher é meio Leila Diniz*. R.J., Record.

Depois faço um roteiro de leitura e tento responder às seguintes questões:

1. Qual o objetivo da autora?
2. Com que outros autores está dialogando ou discutindo (explícita ou implicitamente)?
3. Quais as categorias utilizadas? (como são definidas?)
4. Quais as suas hipóteses de trabalho?
5. Qual a metodologia utilizada em sua pesquisa?
6. Qual a importância de seu estudo no campo em que está inserido? (o que a autora diz? o que eu acho?)
7. A autora sugere novos estudos?
8. Resumo do livro.
9. Minha avaliação crítica do livro.

Para a ficha de citações, também inicio com as referências do autor. Depois transcrevo literalmente, entre aspas, todos os parágrafos que considere importantes para o meu estudo, com a referência da página em que aparece. Se depois eu quiser citar este trecho no meu relatório final, basta reproduzi-lo e introduzir o sobrenome do autor e o ano da publicação.

Por exemplo:

Goldenberg, Mirian

1995 — *Toda mulher é meio Leila Diniz*. R.J., Record.

“Leila Diniz ‘inventou’ seu lugar no mundo, fez um ‘nome’, tornou-se palavra autorizada na música de Erasmo Carlos (‘Como diz Leila Diniz...’), eternizou seu nome no poema de Drummond (‘Leila para sempre Diniz’) e passou a ser adjetivo na música de Rita Lee (‘Toda mulher é meio Leila Diniz’). (Goldenberg, 1995:221).

Depois desta leitura dirigida, você perceberá a diferença entre lembrar que um autor existe e dominar as

suas idéias. A maioria das pessoas sai da faculdade sabendo quais os autores mais importantes em seu campo de conhecimento, mas eles permanecem inacessíveis. Ao fichar um livro, somos obrigados a ler com profundidade, buscando compreender cada idéia e categoria utilizada. Após essa leitura, todos os autores fichados passam a ser nossos amigos íntimos. Com o domínio dos autores podemos estabelecer um diálogo teórico verdadeiro com seus artigos ou livros (e não apenas citá-los). Somente dessa maneira os autores se tornam peças importantes nas interpretações do material coletado na pesquisa.

ENTREVISTAS E QUESTIONÁRIOS

"Só existe a ciência do escondido."

Bachelard

Em princípio, o pesquisador entrevista as pessoas que parecem saber mais sobre o tema estudado do que quaisquer outras. Acredita-se que essas pessoas estão no topo de uma hierarquia de credibilidade, isto é, o que dizem é mais verdadeiro do que aquilo que outras, que não conhecem tão bem o assunto, diriam. Na verdade, o pesquisador não deve se limitar a ouvir apenas estas pessoas. Deve também ouvir quem nunca é ouvido, invertendo assim esta hierarquia de credibilidade.

Um dos principais problemas das entrevistas e questionários é detectar o grau de veracidade dos depoimentos. Trabalhando com estes instrumentos de pesquisa é bom lembrar que lidamos com o que o indivíduo deseja revelar, o que deseja ocultar e a imagem que quer projetar de si mesmo e de outros. A personalidade e as atitu-

des do pesquisador também interferem no tipo de respostas que ele consegue de seus entrevistados.

As entrevistas e questionários podem ser estruturados de diferentes maneiras:

1. podem ser rigidamente padronizados: as perguntas são apresentadas a todas as pessoas exatamente com as mesmas palavras e na mesma ordem, de modo a assegurar que todos os entrevistados respondam à mesma pergunta, sendo as respostas mais facilmente comparáveis. Tais perguntas podem ser do tipo:
 - a. fechadas: as respostas estão limitadas às alternativas apresentadas. São padronizadas, facilmente aplicáveis, analisáveis de maneira rápida e pouco dispendiosa. Uma de suas desvantagens é que as pessoas limitam suas respostas às alternativas apresentadas, mesmo quando há outras razões;
 - b. abertas: resposta livre, não-limitada por alternativas apresentadas, o pesquisado fala ou escreve livremente sobre o tema que lhe é proposto. A análise das respostas é mais difícil; podem ser assistemáticos: solicitam respostas espontâneas, não-dirigidas pelo pesquisador. A análise do material é muito mais difícil;
2. podem ser assistemáticos: solicitam respostas espontâneas, não-dirigidas pelo pesquisador. A análise do material é muito mais difícil;
3. entrevista projetiva: utiliza recursos visuais (quadros, pinturas, fotos) para estimular a resposta dos pesquisados.

O pesquisador deve ter em mente que cada questão precisa estar relacionada aos objetivos de seu estudo. As questões devem ser enunciadas de forma clara e objetiva, sem induzir e confundir, tentando abranger diferentes pontos de vista.

Se o pesquisador decidir enviar um questionário pelo correio, não deverá esquecer de escrever um forte apelo para que o pesquisado o responda o mais brevemente possível. Para que isso ocorra, é fundamental uma carta de apresentação explicando o que está fazendo, por que o faz e para quem. A carta deve ser breve mas não deixar nada sem explicação. O indivíduo pesquisado precisa ser convencido da importância de sua resposta para o sucesso da pesquisa. É importante a garantia de anonimato: não se deve pedir nomes e fazer perguntas que facilitem a identificação. Uma boa técnica para facilitar a devolução do questionário é enviar um envelope impresso auto-enderçado e selado. Cabe lembrar a importância da impressão definida, bem espaçada, em papel de boa qualidade.

No caso da entrevista, é importante a apresentação do pesquisador por uma pessoa de confiança do pesquisado (esta pessoa que irá intermediar o primeiro contato será responsável pela primeira imagem. Em função deste primeiro encontro, portas se abrem ou se fecham). Também aqui é preciso garantir o anonimato do entrevistado, caso seja necessário.

Vantagens do questionário:

1. é menos dispendioso;
2. exige menor habilidade para a aplicação;
3. pode ser enviado pelo correio ou entregue em mão;
4. pode ser aplicado a um grande número de pessoas ao mesmo tempo;
5. as frases padronizadas garantem maior uniformidade para a mensuração;
6. os pesquisados se sentem mais livres para exprimir opiniões que temem ser desaprovadas ou que poderiam colocá-los em dificuldades;

7. menor pressão para uma resposta imediata, o pesquisado pode pensar com calma.

Desvantagens do questionário:

1. tem um índice baixo de resposta;
2. a estrutura rígida impede a expressão de sentimentos;
3. exige habilidade de ler e escrever e disponibilidade para responder.

Vantagens da entrevista:

1. pode coletar informações de pessoas que não sabem escrever;
2. as pessoas têm maior paciência e motivação para falar do que para escrever;
3. maior flexibilidade para garantir a resposta desejada;
4. pode-se observar o que diz o entrevistado e como diz, verificando as possíveis contradições;
5. instrumento mais adequado para a revelação de informação sobre assuntos complexos, como as emoções;
6. permite uma maior profundidade;
7. estabelece uma relação de confiança e amizade entre pesquisador-pesquisado, o que propicia o surgimento de outros dados.

Desvantagens da entrevista:

1. o entrevistador afeta o entrevistado;
2. pode-se perder a objetividade tornando-se amigo. É difícil se estabelecer uma relação adequada;

3. exige mais tempo, atenção e disponibilidade do pesquisador: a relação é construída num longo período, uma pessoa de cada vez;
4. é mais difícil comparar as respostas;
5. o pesquisador fica na dependência do pesquisado: se quer ou não falar, que tipo de informação de-seja dar e o que quer ocultar.

Ao construir a entrevista ou questionário, o pesquisador deve:

1. decidir que informação deve ser procurada (dados de história pessoal: idade, educação, emprego; dados de comportamento; dados sobre outras pessoas; sentimentos, valores, razões, fatores objetivos e subjetivos);
2. decidir o conteúdo da pergunta (é necessária esta pergunta? qual a sua utilidade? as pessoas têm informação necessária para responder à pergunta? deve a pergunta ser mais concreta, específica e mais diretamente ligada à experiência pessoal de quem responde?);
3. decidir como redigir a pergunta (a pergunta é difícil? exprime com clareza as idéias desejadas? deve ser mais direta?);
4. decidir o lugar na seqüência apresentada (é influenciada pelo conteúdo das perguntas anteriores? deve ser apresentada mais cedo ou mais tarde para despertar interesse e atenção?);
5. decidir que tipo de entrevista ou questionário deve ser usado (aberto, fechado, aberto e fechado);
6. redigir um primeiro rascunho;
7. após a crítica de outras pessoas, reexaminar e rever as perguntas;

aproveitar ao máximo a entrevista ou questionário e registrar adequadamente. O pesquisador deverá de imediato transcrever as entrevistas a fim de, ao realizar novas entrevistas, não repetir questões e dominar cada vez mais o assunto.

8. aplicar e discutir com os entrevistados as dificuldades (pré-teste);
9. reelaborar a entrevista ou questionário.

Algumas "dicas" são necessárias para introduzir o pesquisador na arte de elaborar um questionário e uma entrevista. Mesmo correndo o risco de repetir o já dito, eis algumas regras básicas.

Antes de mais nada, por mais que pareça óbvio, é preciso conhecer bem o assunto, examinar as perguntas e as reflexões já feitas sobre o tema para então estabelecer um roteiro. O estudioso precisa estar muito bem preparado antes de abordar o grupo pesquisado, saber o máximo possível e não fazer perguntas desnecessárias, cujas respostas poderiam ser encontradas em outras fontes (jornais, revistas, livros etc.). O pesquisador deve ser o maior conhecedor do tema estudado. A entrevista ou questionário são instrumentos para conseguir respostas que o pesquisador não conseguiria com outros instrumentos.

Como qualquer relação pessoal, a arte de uma entrevista bem-sucedida depende fortemente da criação de uma atmosfera amistosa e de confiança. As características pessoais do pesquisador e pesquisado são decisivas. É muito importante não se criar antagonismo ou suspeita nas primeiras abordagens. As atitudes e opiniões do pesquisador não podem aparecer em primeiro plano. Ele deve tentar ser o mais neutro possível, não sugerindo respostas.

É sempre útil começar com perguntas mais fáceis e não ir longe demais no início. O pesquisador precisa respeitar as limitações do pesquisado quanto ao local e ao tempo da entrevista. Deve-se ir bem preparado para

cimento acumulado por outros estudiosos. Ele pode aproveitar pequenos detalhes que passariam despercebidos por uma pessoa sem este preparo. Quanto mais bem-formado e informado for o pesquisador, maior a riqueza de suas análises.

PENSANDO COMO UM CIENTISTA

“A ciência não tem sentido porque não responde à nossa pergunta, a única pergunta importante para nós: o que devemos fazer e como devemos viver?”

Tolstói

Após realizar as entrevistas ou aplicar os questionários no grupo escolhido, chegou o momento de organizar os dados recolhidos e começar a analisar todo o material. É o ponto em que se exige muita sensibilidade para que se aproveite o máximo possível dos dados coletados e da teoria estudada. Esta capacidade de articular teoria e dados empíricos é uma das maiores riquezas do cientista. Ele tem um olhar preparado para analisar cada dado coletado em relação a um corpo de conhe-

Após a análise, é preciso escrever o relatório da pesquisa. No caso de o projeto ter sido bem construído, o relatório fluirá com facilidade, pois já existe um roteiro claro e objetivo do que deve ser abordado.

Meus relatórios de pesquisa começam com uma introdução onde retomo o objetivo geral do estudo e os objetivos específicos a ele relacionado. Familiarizo o leitor com as minhas idéias iniciais, antes de fazer a pesquisa propriamente dita: o que esperava encontrar, quais as hipóteses de trabalho que me nortearam, qual o grupo que escolhi e as razões para esta escolha, quais os conceitos principais e os autores nos quais me apoiei. É um panorama da pesquisa.

Além disso, retomo também a justificativa, a importância desta pesquisa para o campo científico no qual estou inserida e para a sociedade de forma mais ampla.

Em seguida, introduzo a discussão teórica com os autores que são importantes para a análise do material coletado. Lembro que a discussão teórica não é uma mera soma de citações dos autores mas um verdadeiro diálogo com suas idéias principais. Para tornar esse diálogo produtivo é necessário um domínio completo de cada autor e não uma mera utilização de suas melhores frases.

Para mostrar o material empírico que recolhi, inicio relatando cada passo da coleta dos dados. As dificuldades que encontrei, as pessoas que se recusaram a dar entrevista ou responder ao questionário, as perguntas que não foram respondidas, o que foi conseguido e o que não foi, quem colaborou e quem não colaborou com o estudo. É importante analisar tanto o que foi dito como o "não-dito" pelos pesquisados. É preciso interpretar este "não-dito", buscar uma lógica da "não-resposta". É a hora de exercitar o olhar

ANÁLISE E RELATÓRIO FINAL

Chegou a hora de reunir a teoria com os dados coletados através de entrevistas, questionários ou observações. Uma boa "dica" para o pesquisador não se perder na hora de reunir todo este material (às vezes coletado durante muitos anos) é começar a análise logo após coletar cada entrevista ou questionário. Deve-se analisar comparativamente as diferentes respostas, as idéias novas que aparecem, o que confirma e o que rejeita as hipóteses iniciais, o que estes dados levam a pensar de maneira mais ampla. Este momento exige muito tempo de reflexão e dedicação para se tirar o máximo de idéias de cada resposta conseguida. É o ponto em que se percebe com mais nitidez o estilo do pesquisador: seu conhecimento teórico acumulado durante anos, sua criatividade para analisar cada dado e seu bom senso. Muitos pesquisadores deixam para escrever seus relatórios poucos dias antes da data de entrega, o que empobrece suas análises e conclusões. Planeje com antecedência (acredito que no mínimo dois meses) para não incorrer neste grave erro.

crítico sobre a pesquisa e verificar quais foram os objetivos iniciais e o que realmente foi alcançado. Somente após explicitar o que se pretendia e os limites do que foi pesquisado, pode-se começar a análise do material coletado. Muitos relatórios de pesquisa parecem isentos de dificuldades porque se restringem aos resultados alcançados, sem registrar o que não foi conseguido. A pesquisa parece mais fácil e, também, mais pobre, ao ser isolada de todo o processo feito pelo pesquisador.

Depois da análise do material coletado, escrevo as considerações finais, que são uma síntese das idéias principais da pesquisa e sugestões para novos estudos a serem realizados pelo próprio pesquisador ou por outros. Por fim, as referências bibliográficas e os anexos.

O objetivo do relatório é permitir a comunicação da pesquisa para um público mais amplo, que pode ser a agência que financiou o projeto, a universidade, os colegas de profissão. É um momento difícil da pesquisa: como construir um *todo* desta multiplicidade de material? Como evitar que as conclusões não sejam meros reflexos da predisposição do pesquisador e sim resultados da análise do objeto de estudo? Como impedir que se apresente um excesso de dados com uma escassez de análise? A quem se destina o relatório: a colegas de profissão ou ao público em geral? O que esse público deseja ou precisa saber a respeito do estudo? Qual a melhor forma de apresentar essa informação? Qual a dificuldade e complexidade do assunto? Por que e para quem fazemos nossas pesquisas?

A fim de dar a informação necessária, o relatório deve conter:

- a. apresentação do problema a que se refere o estudo. Para esclarecer as razões por que o problema merecia ser pesquisado, deve ser apresentado material suficiente sobre os antecedentes do estudo (resumo de outras pesquisas significativas), de forma que este possa ser visto num contexto mais amplo. Devem ser apresentadas as hipóteses do estudo e as definições dos principais conceitos ou categorias.
- b. os processos de pesquisa, o planejamento do estudo, a técnica de coleta de dados e o método de análise empregado. O plano da pesquisa deve ser apresentado em detalhes; o que realmente ocorreu *versus* o que foi originalmente traçado. Os dados foram coletados através de questionários ou entrevistas? Quais as perguntas apresentadas? (Deve ser incluído anexo o questionário ou o roteiro de entrevista.) Quais e quantos foram os sujeitos do estudo? Como foram selecionados? os resultados. O pesquisador deve evitar focalizar só os aspectos positivos e encobrir as dificuldades do processo de pesquisa. O relatório deve dar aos leitores o resultado completo do estudo, com pormenores suficientes que permitam compreender os dados e determinar a validade das conclusões.
- d. as conseqüências dos resultados. Perguntas que não foram respondidas e sugestões de novas pesquisas para respondê-las.
- e. Principais conclusões.

Em síntese, temos no relatório final da pesquisa:

1. capa
(dedicatória)
(agradecimentos)
(resumo)
(epígrafe)
2. Sumário
3. Introdução
4. Justificativa
5. Discussão teórica
6. Descrição do plano de estudo e do método de coleta de dados
7. Apresentação dos resultados
8. Análise, interpretações e conclusões
9. Referências bibliográficas
10. Anexos

A melhor forma de escrever bem e com clareza é reescrever muitas vezes o relatório e apresentá-lo a diferentes pessoas antes de chegar à versão definitiva. É importante lembrar que em muitos casos é necessária uma revisão profissional do texto.

Em muitos círculos acadêmicos quem tentar escrever de forma simplesmente inteligível pode ser acusado de ser um "simples literato" ou, pior ainda, um "mero jornalista". É esta a razão do vocabulário complicado e da forma prolixa de escrever e falar dos cientistas. Acridito, ao contrário, que as qualidades básicas da boa redação científica são a exatidão e a clareza. Não se deve usar termos técnicos sem conceituá-los ou palavras difíceis em vez de palavras fáceis que tenham o mesmo sentido.

Por fim, não posso deixar de me referir aos dilemas

éticos do pesquisador ao publicar os seus resultados. O relatório não pode ser usado para prejudicar o grupo estudado. Não se deve violar confidências ou causar dano às pessoas que se estuda. Para tanto, é importante que as propostas do pesquisador tenham ficado claras desde o início da pesquisa. Quando possível, dependendo de cada caso, o pesquisador deve retornar ao grupo com seus resultados. O pesquisador conhece bem a situação pesquisada para poder avaliar o que deve e o que não deve se tornar público.